



NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS, MUITOS COLOMBIANOS CHEGARAM À CIDADE PARA ESTUDAR NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

TERRA estrangeira

FRANCESES,
CUBANOS,
COLOMBIANOS.
ALÉM DE RECEBER
BRASILEIROS DE
TODOS OS
CANTOS DO
PAÍS, BRASÍLIA
ACOLHE GENTE
DE TODO
O MUNDO

NAHIMA MACIEL

A tecnologia facilitou os encontros e as esquinas de Brasília estão hoje muito bem representadas pelas redes sociais. É graças a elas — e, claro, à convivência física na mesma cidade — que grupos de estrangeiros expatriados conseguem se reunir e construir uma vida social próxima aos conterrâneos com interesses comuns. A capital do Brasil tem uma comunidade estrangeira robusta graças à presença das embaixadas, mas há uma surpreendente quantidade de pessoas que nada têm a ver com o mundo diplomático e que são donos de uma Brasília própria. No WhatsApp, o grupo Magios reúne 26 colombianos, a maioria da cidade de Popayán, que se juntam para jogar futebol semanalmente. No "Cubanos", também no WhatsApp, eles são 30, todos estudantes de mestrado ou doutorado na Universidade de Brasília (UnB). Vários caminhos trouxeram-nos à capital, mas todos eles têm em comum um esforço pessoal para estar na cidade.

Fotos: Carlos Vieira/CB/D.A Press



Os Slip vieram da França e chegaram a Brasília por causa da suas esposas brasileiras. Eles trabalham no comércio de alimentos, na produção audiovisual, em carreiras de magistério e até na venda de seguros. Escolheram Brasília e conseguem se imaginar na cidade pelos próximos 20 anos, pelo menos. "O que nos une é que escolhemos estar aqui", avisa Clément Wetzel, proprietário da creperia In the garden. "Somos todos uma galera, fizemos um esforço para conseguir nossos documentos, fizemos um esforço para estar aqui e para ficar."

No WhatsApp, os Slip somam 17 pessoas. Os belgas são tolerados e alguns brasileiros são bem-vindos, mas a conversa é sempre em francês. Eles se reúnem, em média, uma vez por mês para jogar pingue-pongue. "Mas é só um pretexto", avisa Erwan Massiot, produtor audiovisual que fundou o grupo há quatro anos, ao lado de Clément e Emmanuel Perez. "Antes, nos comunicávamos por e-mail e demorava para todos responderem. Às vezes, não respondiam. Com o WhatsApp, formamos uma comunidade, há conexões que se formam, é mais dinâmico", garante Massiot. A qualidade de vida na cidade é uma das justificativas para os franceses do Slip permanecerem na cidade. "Se estivéssemos em Paris, estariam com frio, na chuva, presos em congestionamentos", diz Wetzel. "Brasília é uma cidade cheia de contradições, como o Brasil, mas entendi que aqui tem qualidade de vida."

Assen Lapeyre, também francês, formou-se em mecatrônica na UnB, criou uma empresa na cidade e, hoje, é seguritário. Se tivesse conhecido o Rio de Janeiro antes da capital federal, talvez tivesse gostado mais da joia fluminense. "Mas sou apaixonado por Brasília. Sabe a madeleine do Proust? É Brasília pra mim", confessa, lembrando de como o autor francês valorizava os bolinhos de sua infância, incomparáveis a quaisquer outros da idade adulta.

ALEGRIA

Os colombianos gostam de festa. No Facebook, eles criaram o grupo "Festa colombiana em Brasília" para avisar a todos dos dois ou três eventos anuais que costumam promover. Boa parte deles chegou há um ou dois anos e participa de programas de mestrado e doutorado na UnB. "Não somos festeiros, somos alegres", avisa Christian Gonzalez, 30 anos, mestrando em agronomia que escolheu o Brasil por acreditar no potencial tecnológico do país.

Alejandro Rojas, Edison Artiaja, Herlys Torres, Jairo Cacedo, Jorge Cruz, Sérgio Zuñegar e Isabel Arreaga têm entre 25 e 33 anos e dividem quitenetes com outros conterrâneos nas quadras 403, 407 e 408 Norte. Uma verdadeira república colombiana se espalha por ali. Eles gostam da capital, mas reclamam da dificuldade de transporte público. Por isso, quando saem à noite, escolhem bares próximos às quadras nas quais moram. Vez ou outra, se aventuram, a pé, pela Asa Sul.

A cidade de Lucio Costa e Oscar Niemeyer é de grandes distâncias, mas os meninos enfrentam e, sobretudo, reparam muito. Alejandro, doutorando em engenharia civil, se espanta com os detalhes estruturais dos prédios da cidade. "Os pilares são finos, o Brasil não tem problemas de cismos", aponta. Na Colômbia, os terremotos frequentes obrigam os engenheiros a conceberem estruturas mais robustas.

Isabel já namorou um brasileiro e acha os homens de Brasília um pouco possessivos, mas adora a cidade. "É muito boa para estudar, é tranquila", diz. E o fato de ter muitos colegas da mesma origem ajuda a matar a saudade de casa. O Restaurante Universitário da UnB é o ponto de encontro dessa turma e também dos cubanos. Elier Paron, Noel Suárez e Yarisley Pena vieram de Havana para fazer pós-graduação em engenharia civil e elétrica, respectivamente. "Quase todo mundo vem recomendado por alguém", diz Yarisley.

Ela conta que a vida mudou um pouco em Cuba nos últimos 10 anos, mas que o fim das sanções dos EUA e a possibilidade de viajar entre os dois países ainda têm pouco impacto na população. Escolheu o Brasil por duas razões: a facilidade em obter o visto e a atualidade dos temas pesquisados na UnB.

FICHA TÉCNICA

O QUE É
Estrangeiros se reúnem em grupos de Facebook e WhatsApp para formar comunidades

ONDE

Na internet

QUANTO

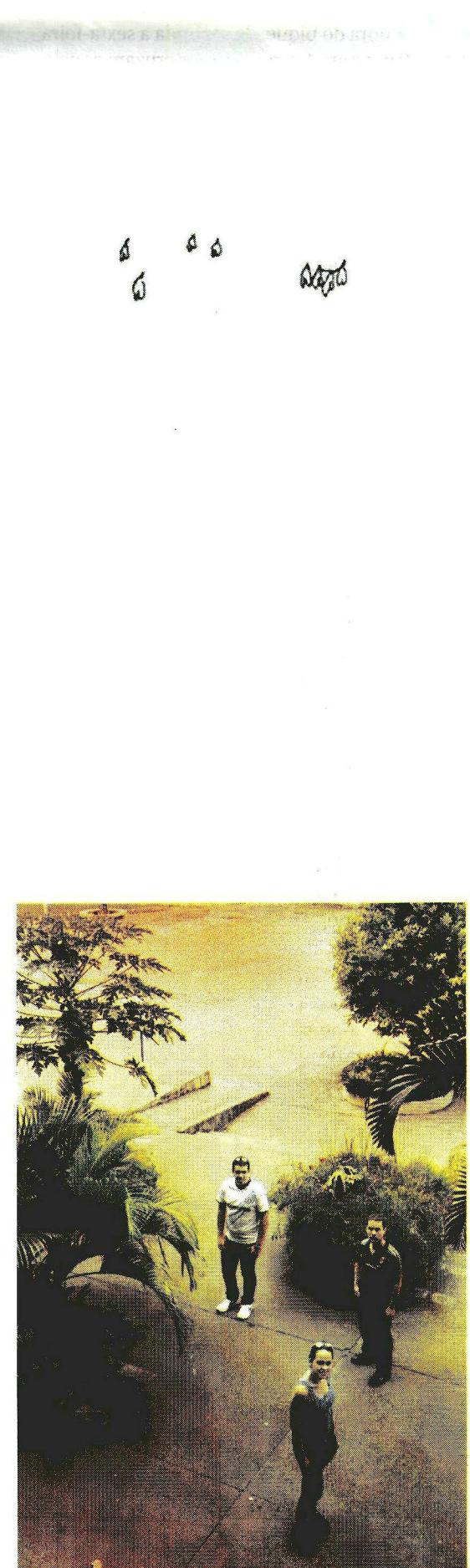
Cada comunidade tem um número variado de participantes

QUEM VAI

Colombianos, cubanos, franceses, argentinos, chilenos....

HÁ QUANTO TEMPO

Nos últimos cinco anos



ESTUDANTES VINDOS DE CUBA TAMBÉM ESCOLHERAM A UnB: TEMAS ATUAIS E SEMELHANÇAS CULTURAIS